

Histórico da obra: *Canto dos sem terra*

*Por Rubens Russomanno Ricciardi
Campus da USP de Ribeirão Preto, 14 de agosto de 2014*

Canto dos sem terra (1984)

Um primeiro aspecto a ser citado sobre a composição deste meu *Canto dos sem terra* (Ribeirão Preto, 1984), para quarteto de cordas, foi a orientação segura de Stephen Hartke, professor visitante junto ao Departamento de Música da ECA-USP por ocasião de um programa especial da reitoria comemorativo aos 50 anos da USP, quando vários professores estrangeiros atuaram nos mais diversos departamentos, ao longo de 1984. A este compositor/professor estadunidense devemos uma série de procedimentos notacionais, bem como discussões fecundas sobre as possibilidades da composição instrumental.

Outro aspecto a ser citado foi o então contexto político no Brasil.

Nos anos de 1983 e 1984, como aluno de graduação do Departamento de Música da ECA-USP, sob orientação de Willy Corrêa de Oliveira, eu atuava em estágios junto aos grupos musicais do Fundo de Greve do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, na grande São Paulo.

Uma das canções de luta mais representativas do nosso repertório era o *Hino da Reforma Agrária*, que se tornou então conhecido por meio do LP *Santos Dias da Silva* (1982). Neste LP sequer constava origem ou autoria deste hino. Sabemos hoje que se tratava de uma nova versão do antigo *Canto do Lavrador* (1962), com poema do paraense Benedicto Wilfred Monteiro (1924-2008). Será que houve, por parte de Monteiro (que foi poeta, escritor, jornalista, advogado e deputado, mas não músico), a utilização de uma melodia existente anteriormente para sua canção de luta agrária? Não conseguimos até aqui desvendar esta questão. Segundo nos informa o jornalista e pesquisador Isaac Senna,

o *Canto do Lavrador* foi composto por Benedicto Monteiro para os primeiros sindicatos de trabalhadores rurais que ele organizou no Pará. Em 1964, este mesmo canto serviu como prova de subversão no processo que foi instaurado na justiça militar, quando Benedicto Monteiro foi caçado, preso, torturado e marginalizado da vida pública por 20 anos. Durante esse período esta canção de luta continuou sendo cantada pelos lavradores e trabalhadores rurais e foi recolhida pela Igreja Católica que a tornou um hino popular de suas organizações de base. Foi também com este canto que a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) encerrou o seu último Congresso Nacional em Brasília. O *Canto do Lavrador* até hoje é o hino oficial do sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Capim, primeiro município do Pará a fundar um sindicato rural de trabalhadores (isaacsenna.blogspot.com/2008/08/o-canto-do-lavrador-foi-composto-por.html).



Benedicto Wilfred Monteiro, autor do poema do *Canto do Lavrador* (1962), sendo preso, em 1964 (foto oriunda da página benedictomonteiro.blogspot.com.br/2012/02/depoimento-sobre-sua-prisao-em-1964.html).

Em dezembro de 1984, por ocasião da composição desta minha obra para quarteto de cordas, realoquei aquele *Canto do Lavrador*, enquanto melodia do *Hino da Reforma Agrária*, numa estrutura neoclássica, utilizando-se da forma sonata por meio de um quarteto de cordas.

Canto do Lavrador

Benedicto Wilfred Monteiro

Canto

A - go - ra nós va - mos pra lu - ta,
a ter - ra que é nos - sa'o - cu - par.
A ter - ra é de quem tra - ba - lha, a his -
tó - ria não fa - lha nós va - mos ga - nhar.

Esta *melodia do lavrador*, que surge no segundo tema (ou tema contrastante) da *exposição*, é também o principal material da seção do *desenvolvimento*. Ainda na *exposição*, o tema principal inicial da forma sonata é uma série de doze notas e o tema conclusivo final inspirado em Béla Bartók.

Se a canção de luta oriunda do poeta da Amazônia se torna neoexpressionista em meio a uma densidade estrutural de um quarteto de cordas, não se perde de vista a simplicidade, bem como a fluência da melodia cantada. O título da obra, inspirado na temática política brasileira dos anos 80 do século passado, *Canto dos sem terra*, não deixa de ser uma homenagem à dignidade do espírito sempre aguerrido do lavrador/camponês - o homem do campo.

Entendo que esta minha composição se tornou hoje algo saudosista no contexto brasileiro, pois, de alguns anos para cá, o agronegócio transformou de tal modo as relações no campo que já quase não falamos mais de lavradores e camponeses, mas tão-somente de *agribusiness* (a indústria motorizada da agricultura e suas relações de marketing). O processo de industrialização da agricultura já chamava a atenção de Martin Heidegger (1889-1976) nos anos 50 do século passado. Ele observava a nova

realidade do agronegócio na então Alemanha Ocidental (República Federal da Alemanha), seu país natal:

Era diferente o campo que o camponês outrora lavrara, quando lavar ainda significava lavar, cuidar e tratar. O trabalho camponês não provoca e desafia o solo agrícola (...). Era outro o lavradio que o lavrador dispunha outrora, quando dispor ainda significava lavar, isto é, cultivar e proteger. O trabalho do camponês não exauria o lavradio. Na sementeira, apenas confiava a semente às forças do crescimento, encobrindo-a para seu desenvolvimento. Hoje em dia, uma outra posição também absorveu a lavra do campo, a saber, a posição que dispõe da natureza. E dela dispõe, no sentido de uma exploração. A agricultura tornou-se indústria motorizada da alimentação (...). Esta disposição, que explora as energias da natureza, cumpre um processamento, numa dupla acepção. Processa à medida que abre e expõe. Este primeiro processamento já vem, no entanto, pré-disposto a promover uma outra coisa, a saber, o máximo rendimento possível com o mínimo de gasto (HEIDEGGER, 2001 [1954], p.19-20).

Portanto, o camponês deixou um pouco de ser camponês. Já não se pode mais, como dizia Horácio (Venosa, 65 a.C. – Roma, 8 a.C.), *fugere urbem* (“fugir da cidade”), pois a tecnologia moderna já há muito invadiu o campo também. Não temos mais roça, temos produção agrícola ou eficiência competitiva no campo. Não há mais aquela imagem campestre e bucólica do pastor da Antiguidade, grega ou romana, ou mesmo da Bíblica. Temos sim hoje a tecnologia de manipulação do DNA. O homem do campo agora trabalha no *agribusiness* e assiste a shows em sua televisão HD e 3D ou em seu aparelho celular *android*.

Aproximamo-nos neste contexto da análise de Fredric Jameson (*1934) sobre a contemporaneidade, caracterizada pela “industrialização da agricultura, ou seja, a destruição de todos os campesinatos tradicionais; e a colonização e a comercialização do inconsciente ou, em outras palavras, a cultura de massa e a indústria da cultura” (JAMESON, 2005 [2002], p.21). Com estas duas premissas, *agribusiness* e indústria da cultura, extingue-se talvez não só a luta política de esquerda do homem do campo como também a música folclórica. E não só aqui no Brasil, mas em todo mundo.

Que pelo menos este *Canto dos sem terra* nos permita sonhar com outras realidades...

Referências bibliográficas:

HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2001 [1ª ed. alemã 1954], p.11-38.

JAMESON, Fredric. *Modernidade singular – ensaio sobre a ontologia do presente*. Tradução de Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005 [1ª ed. estadunidense 2002].